

Ulysses: 'O Brasil sem Tancredo já não é o mesmo'

Foto de Carlos Contursi

BRASÍLIA — O Presidente da Câmara e do PMDB, Ulysses Guimarães, passou grande parte da manhã de ontem em seu gabinete, com o olhar fixo em um aparelho de televisão, acompanhando as cenas do cortejo fúnebre do Presidente Tancredo Neves, em São Paulo. Deputados de todos os partidos e de todas as tendências do PMDB revezavam-se na tarefa de confortar o Presidente da Câmara.

— Tínhamos um convívio que não tenho com meu irmão em São Paulo — comentou Ulysses, mostrando a intensidade de sua ligação com Tancredo Neves.

Para Ulysses, Tancredo representa "o povo unido em torno de uma idéia e de um compromisso democrático". Esta é, na sua opinião, a grande herança de Tancredo Neves, traduzida na certeza de que o País caminha, agora, para uma democracia participativa.

— O Governo precisa governar e isso é fundamental para enfrentar os problemas. Mas é necessária a participação de toda a sociedade. Temos condições de mostrar que o Brasil é um País viável — disse Ulysses.

Ulysses lembrou que esteve com o Presidente no dia 14 de março e insistiu para que aceitasse ser operado. Depois da primeira operação, Ulysses esteve por 15 minutos com Tancredo, no Hospital de Base de Brasília.

— Estamos todos órfãos. Era impressionante o fascínio, a paixão de Tancredo pelo Brasil. Sempre foi um companheiro de partido, com seu talento político e sua criatividade — comentou.

Ao chegar à Câmara, às 9h45m, Ulysses



★ 1910 † 1985

foi direto para o seu gabinete. Dez minutos depois recebeu o Ministro da Justiça, Fernando Lyra. Não conseguiu participar da sessão extraordinária do Congresso porque o Presidente do Senado abriu os trabalhos quatro minutos antes do previsto.

— Lamento profundamente o que aconteceu. O senhor vai me perdoar — desculpou-se José Fragelli, após a sessão.

— Estamos todos tensos, emotivos, e a competência era do Senhor abrir a sessão. Normalmente, eu deveria estar na Mesa, mas tudo é compreensível — expli-

cou Ulysses aos jornalistas.

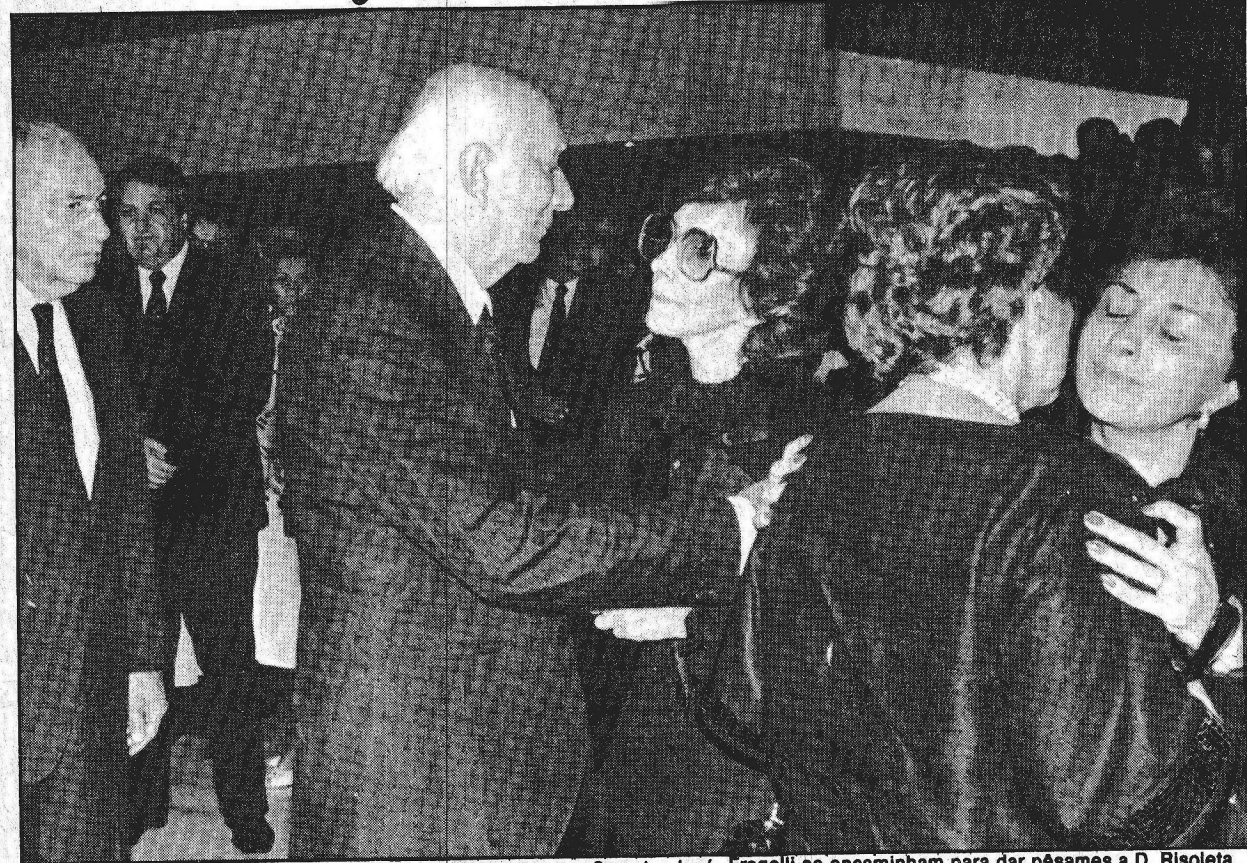
Depois disso, o Presidente da Câmara ficou em seu gabinete. Quando começou o cortejo fúnebre pelas ruas de São Paulo permaneceu, calado, diante da televisão. Alguns Deputados choravam, e Ulysses, emocionado, conseguiu transmitir seus sentimentos.

— Sou de São Paulo, considero-me integrado nessa multidão. Nunca vi em São Paulo uma manifestação como esta. A dor nos estimula no sentido de corresponder aos desejos democráticos do povo, desse povo unido e que estará unido neste novo Brasil. É outro País que agora está chorando — disse.

Mas o Deputado Ulysses Guimarães teve também um momento de bom humor: indagado se não seria arriscado ir no mesmo avião para São João Del Rei com o Presidente José Sarney, José Fragelli e o Ministro Moreira Alves, Presidente do Supremo Tribunal Federal, comentou:

— Não vamos começar a fazer vaticínios sombrios. Chega de sinistrose. Tudo vai correr muito bem.

O Presidente da Câmara evitou, contudo, aprofundar sua posição em relação ao destino da Aliança Democrática, reforma ministerial e redução do mandato presidencial, afirmando que o momento é de prestar homenagens a Tancredo Neves e seguir o seu exemplo. Lembrou que o Governo precisa agora enfrentar três problemas: a inflação, o endividamento externo e o desenvolvimento do País. Para isso, terá de seguir o exemplo de Tancredo Neves: "O povo não pode ficar de fora da solução dos problemas".



Em ambiente de emoção, o Deputado Ulysses Guimarães e o Senador José Fragelli se encaminham para dar pêsames a D. Risoleta